

ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CLASSIFICAÇÕES DE GÊNERO EM UMA ESCOLA CARIOCA¹

Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato

Resumo: Neste trabalho pretendo discutir as representações de gênero ativadas durante o desenvolvimento de um projeto de orientação sexual, realizado em uma escola carioca. A análise do "Projeto Aids" contribui para o debate sobre as novas relações de gênero na sociedade brasileira, indicando mudanças e permanências nas classificações da masculinidade e feminilidade. Durante o desenvolvimento do projeto e, mais tarde, nas entrevistas com meninas e meninos de 14 a 17 anos, foi possível perceber como classificavam a masculinidade e a feminilidade, construindo e (re)construindo hierarquias de gênero.

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; orientação sexual; relações de gênero.

Introdução

A pesquisa que aqui se apresenta é uma análise das classificações sociais de gênero presentes no interior de um projeto de orientação sexual, desenvolvido em uma escola carioca. O trabalho visa compreender o conjunto de relações sociais envolvido na implementação de políticas públicas, discutindo as representações coletivas ativadas e reafirmadas na relação entre docentes e discentes, no cotidiano de uma sala de aula.

No Brasil, principalmente após o aumento da liberdade sexual, houve a retomada do debate político sobre a implantação de programas e projetos de orientação sexual nos ensinos fundamental e médio. Este debate não surgiu neste momento, suas raízes datam do início do século XX, mas foi retomado e legitimado após a ocorrência do movimento feminista, na década de 1970, e da descoberta da Aids, na década de 1980.

Na década de 1990, a escola passou a ser percebida como o lugar ideal para a difusão do conhecimento considerado necessário para a iniciação e vivência sexual de adolescentes e jovens. No Rio de Janeiro foi desenvolvido, pelas Secretarias Estaduais de Saúde e Educação, o “Projeto Aids e a escola”, mais tarde também incorporado pela Secretaria Municipal de Educação. Este projeto esteve em pleno funcionamento até meados da década de 1990, quando foi encerrado. Em 1997, o Governo Federal publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s),² que traziam, como principal novidade, os temas transversais, e, dentre eles, a proposta de orientação sexual, na qual estava contida a temática de gênero.

Este artigo tem por objetivo apresentar alguns resultados de dois anos de pesquisa, realizada para minha dissertação de mestrado. A investigação que deu origem a este texto foi realizada na Escola Municipal Orsina da Fonseca – Tijuca-RJ, quando observei o “Projeto Aids”, desenvolvido pela professora Margarida Maria da Rocha Bernardes, professora de ciências. O nome deste projeto foi inspirado pelo “Projeto Aids e a escola”, do qual a professora recebeu capacitação no início dos anos de 1990, por já trabalhar com orientação sexual na escola.

A análise do “Projeto Aids” contribui para o debate sobre as novas relações de gênero na sociedade brasileira, indicando mudanças e permanências nas classificações da masculinidade e feminilidade. Durante o desenvolvimento do projeto e, mais tarde, nas entrevistas com meninas e meninos

de 14 a 17 anos, foi possível perceber como classificavam a masculinidade e a feminilidade, construindo e (re)construindo hierarquias de gênero.

Neste ponto, tomo a concepção de gênero proposta por Scott (1989). Para a autora, gênero é uma categoria útil para análise histórica por ser uma construção sociocultural dos papéis masculinos e femininos; construção que delimita padrões de comportamento e representações socialmente compartilhados. Ser homem ou ser mulher não é sinônimo de pertencer ao sexo masculino ou feminino, pois trata-se da incorporação dos papéis socialmente construídos e delimitados para um e outro caso.

No decorrer do texto, realizo algumas comparações com trabalhos desenvolvidos em outras décadas, que discutiam a construção social da masculinidade e da feminilidade. Pretendo apresentar semelhanças e diferenças entre discursos oferecidos por gerações anteriores à dos adolescentes entrevistados, discutindo as condições sociais da produção destas representações. Opto pela utilização do conceito de geração, por entender que as formas pelas quais são concebidas as representações do masculino e do feminino em uma época diferem substancialmente de outra, o que possibilita uma análise comparativa. Penso ser este o significado da noção de gênero como um conceito útil para análise histórica. É claro que Scott (1989) está pensando em longos períodos de tempo, porém a percepção de diferenças significativas em um curto espaço de tempo pode ser indicativa de mudanças substantivas nas relações sociais entre homens e mulheres.

O “Projeto Aids” e seus alunos

O ano de 2001 foi muito conturbado para a escola analisada e, principalmente, para o projeto de orientação sexual. A segunda Coordenadoria Regional de Educação³ vinha pressionando a direção e a professora responsável pelo projeto para que encerrassem as atividades. Sua principal alegação era de que as atividades de orientação sexual deveriam ser desenvolvidas em sala de aula, no decorrer das aulas, e o “Projeto Aids” era organizado para ocorrer em um tempo e espaço específicos. Havia uma “sala do projeto” onde a professora trabalhava com uma turma por vez, além de atender aos alunos que, individualmente, buscavam alguma orientação.

Cheguei à escola no início do mês de outubro de 2001, quando várias turmas já haviam participado de dez encontros do “Projeto Aids”. Meu objetivo inicial era realizar este contato e começar a pesquisa em 2002, acompanhando as turmas e entrevistando os adolescentes que fossem voluntários. Ao que tudo indicava, aquele seria o último ano do “Projeto Aids”, devido à aposentadoria da diretora da escola e também ao cansaço da professora responsável, que afirmava estar sendo pressionada havia vários anos. Até aquele momento, não cedera às pressões, mas, com a saída da diretora e a possível eleição de uma professora que não estava entrosada com os trabalhos de orientação sexual, seria impossível manter as atividades.

Percebida a evidência do término dos trabalhos de orientação sexual naquela escola, decidi iniciar a observação no mesmo ano. Pedi permissão à profes-

sora e ela afirmou que iniciaria os trabalhos com uma nova turma na semana seguinte. Devido à proximidade com o final do ano letivo e à flexibilidade do projeto original, a professora pôde condensar os dez encontros em cinco. Observei todas as reuniões e entrevistei os adolescentes voluntários. Nas entrevistas, procurei retomar as discussões realizadas coletivamente, com vistas a analisar suas opiniões individuais. Não irei descrever cada um dos encontros, pois o principal interesse neste momento é a comparação entre os discursos apresentados em sala de aula e nas entrevistas.

Foram realizadas 13 entrevistas com nove meninas e quatro meninos que participaram do “Projeto Aids”. O número maior de meninas voluntárias surpreendeu-me. Imaginava que, por ser homem, as meninas apresentariam alguma resistência e, ao contrário, tive a impressão de que as entrevistas transformaram-se em diversão. Elas não demonstravam nenhuma inibição e pareciam se sentir muito bem ao responder às questões. Um exemplo desta situação de liberdade está no fato de duas delas, após terem terminado as entrevistas, voltarem pedindo que eu as deixasse ouvir sua voz no gravador. Quando voltei a fita, ambas riram muito ao ouvirem uma a voz da outra. Dias (1993) já havia destacado a maior disponibilidade das meninas para responderem a questões relativas à sexualidade. Em seu trabalho com uma turma de 7^a série que participava de um projeto interdisciplinar em uma escola da zona da Leopoldina, conseguiu apenas quatro entrevistas e todas com meninas.

O roteiro das entrevistas foi construído com o objetivo de avaliar a

posição dos alunos com relação ao "Projeto Aids". Fiz uso do mesmo roteiro para meninos e meninas e obedeci aos principais pontos trabalhados no projeto. A idéia era comparar o discurso da professora com o dos alunos, procurando perceber se eles se apropriavam do que fora oferecido nas aulas ou, ao contrário, ofereciam outro discurso. Os entrevistados têm de 14 a 17 anos, todos solteiros, estudam na mesma escola e têm em comum a participação voluntária no "Projeto Aids".

Representações de gênero

Os estudos de gênero têm conquistado a atenção e o respeito de muitos pesquisadores em todos os ramos das ciências sociais. Na atualidade, as questões de gênero consolidam-se como um dos mais vastos campos de produção científica no Brasil e no mundo. Goldenberg (2000b) aponta que a partir da contestação da idéia de "natureza" feminina e masculina, e da conseqüente diferenciação do sexo (dimensão biológica) de gênero (constructo cultural), comportamentos, sentimentos, desejos e emoções passaram a ser trabalhados como produtos de determinado contexto histórico e social e analisados comparativamente. Parece haver consenso quando se afirma que homens e mulheres não nascem prontos e sim tornam-se homens e mulheres.

Goldenberg vem realizando, desde 1998, uma pesquisa com homens e mulheres de camadas médias e urbanas do Brasil, dedicando-se a várias questões, entre elas: a análise das classificações sociais sobre o masculino e o feminino. Pensando, a partir de seus dados, no que todo homem é, a autora afirma que as

características prescritas para o papel masculino exigem que um "homem de verdade" seja viril, conquistador e competitivo sexualmente, pois seu sentimento de identidade masculina está diretamente relacionado à identidade sexual.

Em minha pesquisa, não trabalhei com grupos de camadas médias e sim com adolescentes de classes populares, moradores da cidade do Rio de Janeiro. Os adolescentes entrevistados, em sua maioria, eram moradores das favelas que circundam os bairros Tijuca, Maracanã e Vila Isabel, todos no Rio de Janeiro. Eles se encontravam na faixa etária de 14 a 17 anos e tinham em comum a participação nas aulas do "Projeto Aids".

Embora não estivesse analisando camadas médias urbanas, algumas observações de campo e entrevistas podem ser comparadas aos resultados da pesquisa realizada por Goldenberg. Durante o segundo encontro do "Projeto Aids", quando os meninos foram indagados sobre os atributos masculinos e femininos, sua primeira reação foi brincar com os adjetivos. Um dos alunos afirmou que ser homem era EU e ser mulher era ELE, apontando para o colega ao lado que, muito constrangido, devolvia a brincadeira dizendo que mulher era o outro, reafirmando sua identidade heterossexual.

No decorrer das entrevistas, o sentimento de identidade masculina associado à identidade sexual apareceu em vários momentos. Ser homem era, por definição, gostar de mulher e, portanto, não gostar de homem. Porém, um deles afirmou que um homem podia se relacionar sexualmente com outro sem deixar de ser homem. Esta possibilidade

parece ser uma das características mais marcantes da cultura sexual brasileira (FRY; MacRAE, 1984; PARKER, 1991).

Em uma das entrevistas realizadas com a professora responsável, ela relatou que quando atendia aos alunos individualmente, dúvidas relacionadas a práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo somente eram colocadas por rapazes, que as formulavam da seguinte maneira: "mas eu tô comendo o cara. Eu não sou *gay*, quem é *gay* é o cara". Enquanto tiravam suas dúvidas, os meninos costumavam relatar um certo consentimento por parte de suas famílias. Para exemplificar, a professora citou o exemplo de um aluno que se prostituía com o consentimento da família, se autodefinia como "o fodão", pois "só comia", e afirmava que seu dinheiro era ganho com um "ganhão".⁴ Sabino (2002) percebeu o mesmo fenômeno entre os praticantes de fisiculturismo. Para sustentar os altos custos envolvidos na construção e manutenção de um corpo de fisiculturista, alguns deles recorrem à prostituição, envolvendo-se sexualmente com outros homens, em troca de dinheiro. De início, esta prática não envolve qualquer contestação da masculinidade no grupo de fisiculturistas. O jovem prostituto só terá sua masculinidade contestada caso passe muito tempo nesta atividade, pois poderão imaginar que ele recebe dinheiro para "comer", o que é classificado como normal, e também para "dar", atividade considerada desviante.

Quando pedi que as meninas definissem o que é ser homem, apenas uma delas construiu sua resposta utilizando-se de atributos sexuais. Ela respondeu que ser homem, para os

homens, era importante porque eles faziam sexo com mulheres e iriam crescendo para constituir uma família. Em sua representação, sexualidade e família estavam diretamente relacionadas e cabia aos homens crescerem para constituírem uma família. Quatro meninas afirmaram que não sabiam o que era ser homem por não serem homens e considerarem impossível responder à questão. Esta resposta pode apontar para uma certa ausência de classificações rígidas sobre masculinidade nas representações das jovens pesquisadas, o que marca uma diferença entre elas e as mulheres estudadas por Goldenberg (2000b) que dizem que todo homem é "infiel", "galinha" e "machista". As alunas por mim entrevistadas têm média de idade de 14 anos e provavelmente constroem suas representações sobre a masculinidade a partir de seu convívio com meninos da mesma faixa etária. Estes jovens já nasceram na segunda metade da década de 1980 e, portanto, foram socializados após as principais conquistas do movimento feminista terem se consolidado. Se for possível pensar que estas conquistas estão sendo progressivamente incorporadas aos processos de socialização na família e na escola,⁵ talvez a suposição de que os "novos homens" já não sejam passíveis de classificações tão rígidas como eram seus pais e avós não seja de todo descartável.

Esta suposição ainda pode ser reforçada com outro detalhe: as entrevistadas afirmaram que ser homem era, tal como ser mulher, saber respeitar aos outros e a si próprio, tornando-se um "cara legal", um companheiro que não é mandão, não é bruto na maneira de falar e não assume uma postura grosseira com relação às mulheres quando está junto

de seus amigos. As meninas afirmaram que, quando os meninos estão com a namorada ou com um conjunto de meninas, são mais sensíveis, carinhosos, delicados e prestativos e esta postura muda radicalmente quando estão entre seus pares. Neste segundo caso, eles se tornam grosseiros, pegam nas mulheres com violência, não escutam o que elas falam e dizem que elas não devem “se meter, pois aquilo” (o assunto que estiver sendo discutido) é “coisa de homem”.

Ao afirmarem que ser homem é tal como ser mulher, as meninas romperam com delimitações rígidas e fixas entre a masculinidade e a feminilidade. Um homem nesta representação pode ser sensível, delicado e carinhoso sem que estas características abalem sua masculinidade. Na verdade, elas afirmam que eles já são assim, mas não são todo o tempo, pois, quando estão entre seus pares, mudam completamente de atitude. Seria importante pensar esta mudança radical de postura. Será que corresponde à reafirmação de ideais tradicionais de masculinidade?

Gilligan (1982) trabalha com a idéia de que a diferenciação de gênero começa na infância a partir das diferenças entre os jogos infantis. Há jogos de meninos e brincadeiras de meninas e, enquanto para os primeiros a diversão pressupõe a associação entre os pares para o desenvolvimento do jogo, entre as meninas a brincadeira ocorre individualmente ou, no máximo, em duplas. Estas experiências infantis agregadas à necessidade que o menino tem de se separar da mãe, negando-a, para ser iniciado no mundo masculino, seriam o início da progressiva diferenciação de gênero. Esta pode ser uma indicação im-

portante para o entendimento do fenômeno exposto por minhas entrevistadas. Saindo do terreno da psicologia e entrando no das relações sociais, temos que, a partir dos estudos sobre modelos tradicionais e modernos de ser homem e mulher, a masculinidade e a feminilidade hegemônicas, produzidas pela sociedade patriarcal, sempre foram inatingíveis aos que tentavam obtê-las como ideais de gênero, pois ambas são realizações idealizadas (KIMMEL, 1998). Conforme estes modelos tradicionais foram contestados, passou a haver maior flexibilidade e convivência entre modelos modernos, baseados em múltiplos padrões, e modelos tradicionais. Tem-se ainda que, embora o Brasil venha passando por um intenso processo de modernização “sociologicamente visível”, o “sociologicamente invisível”, representado pelas emoções, sentimentos e desejos, muda mais lentamente de forma que diferentes identidades se distinguem e convivem em um mesmo sujeito, articulando ideais tradicionais e modernos de forma muitas vezes conflituosa (FIGUEIRA, 1987).

A partir destas propostas, é possível pensar que os meninos que agem diferentemente na presença ou ausência das meninas estariam articulando ideais tradicionais e modernos, e elas estariam reagindo a esta difícil convivência de identidades, uma postura típica das representações modernas. Cabe perguntar se elas também não agem de forma diferente quando na presença ou ausência deles.

No segundo encontro do “Projeto Aids”, quando a professora perguntou para meninos e meninas o que era ser mulher, ambos ressaltaram alguns adjetivos que não faziam parte do universo do ser homem. Todos estes adjetivos eram

relacionados às representações do corpo feminino, de forma que uma mulher deveria ser “gostosa”, “boa”, “bonita” e “elegante”. Nas entrevistas, as mulheres foram apresentadas pelos meninos a partir da construção da alteridade. As mulheres são frágeis, o que os homens não são. Podem engravidar e ter filhos, o que os homens não podem. Em resumo: são um sexo diferente.

Os adjetivos apresentados em sala de aula foram formulados por meninos e meninas em conjunto, o que aponta para o consenso quanto a alguns dos atributos femininos e masculinos. A turma concordava que um homem era “machista”, “simpático”, “normal”, “bonito”, “maneiro”, “legal”, “romântico”, “galinha” e “responsável”. Já uma mulher era “bonita”, “gostosa”, “boa”, “romântica”, “agradável”, “complicada” e “elegante”. Uma diferença observada, ainda em sala de aula, foi que, quando a professora perguntava se poderia existir uma mulher com todos os atributos masculinos, a turma afirmava que sim, mas quando a mesma pergunta era feita a partir dos adjetivos femininos, as meninas concordavam que os homens poderiam possuí-los e os meninos afirmavam que “isso não é comigo não!!!”.

Bourdieu (1995) ao analisar a dominação masculina chama atenção para a existência de um paradoxo dos dominados. Segundo o autor, os dominados só conseguem se ver com os olhos dos dominantes e acabam por contribuir para a manutenção do *status quo* favorável à dominação. Quando meninas e meninos eram consensuais ao falar dos adjetivos femininos, pareciam corroborar este autor, pois elas próprias se percebiam a partir das categorias masculinas, além

de aceitarem a possibilidade de tornarem-se homens, dada a valorização social dos atributos do ser homem.

Nas entrevistas, as meninas apontaram que ser mulher era bom, era ser importante como o homem, ser uma vencedora, mas sem classificar estes atributos como naturais às mulheres. Segundo elas, a mulher teria de se dar valor, saber respeitar aos outros e a si mesma e não ter vergonha de perguntar, de se informar e cobrar seus direitos. O ser mulher foi colocado como luta contra discriminações que “são chatas” e devem ser combatidas pelas próprias mulheres.

Elas ainda ressaltaram que “ser gentil” e “ter filhos com o marido” é tão importante quanto ser homem, de forma que, no discurso das entrevistadas, o masculino e feminino apareceram como diferentes, mas equivalentes. A proposta de equivalência pode ser entendida como uma tentativa de consolidação da igualdade na diferença, o que aponta para a percepção da desigualdade e negação da dominação. Os meninos, entretanto, constroem todo seu discurso a partir da afirmação da alteridade. Eles não podem, e não desejam, ser como as mulheres.

Ser homem: vantagens e desvantagens

Os estudos de gênero inauguraram um período que poderíamos denominar, utilizando as terminologias de Kuhn (1998), revolução científica. As preocupações teóricas relativas a questões de gênero surgiram, de acordo com Scott (1989), no final do século XX e tiveram diversas implicações. A partir da proposta de que não haveria uma natureza

feminina e sim um conjunto de formulações culturais que construiriam e dariam forma àquilo que classificávamos como feminino, as ciências sociais passaram por um período de renovação até que o próprio desenvolvimento científico incorporou a mudança e os cientistas passaram a trabalhar a partir dos novos paradigmas. Na atualidade parece haver consenso sobre a inexistência de uma natureza feminina. Enquanto o sexo permanece sendo classificado como inerente à biologia, o gênero é entendido como construção cultural e o feminino como parte desta mesma construção.

No início dos estudos de gênero, a preocupação dominante era a de fundamentar as denúncias feministas sobre discriminação e violência sofridas por mulheres e homossexuais (GOLDENBERG, 2000a), o que demonstra a porosidade das ciências humanas para os movimentos sociais (HEILBORN; BRANDÃO, 1999) e a construção de problemas científicos a partir de problemas sociais (LENOIR, 1996). Ao proporem o debate sobre a desigualdade entre homens e mulheres ou discutirem a noção de uma natureza feminina, os estudos de gênero culminaram, dentre outros eventos, na denúncia do *Male Bias* e, a partir dela, nas pesquisas que buscavam descobrir se a dominação masculina era universal ou tipicamente ocidental (OVERING, 1986).

Os estudos realizados nas primeiras décadas do feminismo eram realizados quase exclusivamente por pesquisadoras feministas e estavam direcionados para a mulher (GOLDENBERG, 2000b), o que pode ser percebido até mesmo nas suas denominações: inicialmente *Women's Studies* e depois estudos feministas (GOLDBERG, 1987). Somente a partir da

década de 1980 começaram a surgir, no Brasil, algumas pesquisas que tomavam como objeto a masculinidade (GOLDENBERG, 2000a, 2000b; TREVISAN, 1997; NOLASCO, 1997; DaMATTA, 1997). A partir da desnaturalização do masculino, estas pesquisas ampliaram consideravelmente o debate em torno das relações de gênero.

As entrevistas realizadas com os alunos do "Projeto Aids" oferecem a possibilidade de se pensar o feminino e o masculino a partir de um discurso que não faz parte do debate científico, nem foi oferecido por indivíduos que viveram o movimento feminista nos seus anos iniciais. Os meninos e meninas entrevistados são a segunda ou a terceira geração pós-feminismo e, a partir de suas falas, é possível perceber como os reflexos do movimento social foram incorporados aos processos de socialização. Além de falarem sobre ser homem e ser mulher, ambos expuseram, sem nenhum tipo de constrangimento, as vantagens e desvantagens de cada condição.

No segundo encontro do "Projeto Aids", seis vantagens do mundo masculino foram citadas. Nas representações da turma, só o homem podia "mijar em pé", "jogar futebol sem camisa", "bater muita punheta", "fazer sexo oral sem ser penetrado", "não menstruar" e "ter mais testosterona". Todas as vantagens estavam relacionadas aos usos e interpretações culturais do corpo masculino e foi somente neste momento que o corpo masculino foi comentado. Até então, quando pensaram no ser homem ou mulher, apenas o corpo feminino foi citado como parte constitutiva da própria essência feminina. Para ser mulher era

preciso ser “bonita”, “gostosa” e “elegante”.

Nas entrevistas, existiram convergências com o discurso da sala de aula e também entre as falas de meninos e meninas. Ambos destacaram, como vantagens do ser homem, “não menstruar”, “não engravidar” e, portanto, não ter de “carregar por nove meses um bebê dentro da barriga”. As meninas ainda voltaram a dizer que os homens podiam “fazer xixi em pé”, enquanto os meninos sublinhavam a vantagem de poderem andar sem camisa e ir à praia de sunga, com a qual as meninas concordaram, afirmando que homens “não têm peitos”.

Além das convergências, os meninos consideraram os homens mais fortes e, em alguns casos, mais inteligentes do que as mulheres, o que lhes permite “pegar muita mulher”. A mesma vantagem assumiu um tom de reclamação quando as meninas afirmaram que eles podiam ficar com as garotas que quisessem e fazer sexo quando desejassem. Elas ainda disseram que o homem pode ser machão, durão, e elas não. Novamente as representações sobre o corpo masculino se colocaram com bastante intensidade. Os atributos valorizados foram a força, a macheza, a dureza e a possibilidade de fazer sexo quando quiser, interpretações bastante próximas de modelos tradicionais de masculinidade.

Quando pensaram, em sala de aula, nas desvantagens do mundo masculino, duas classificações remeteram àquela interpretação do corpo do homem. O corpo masculino, que até o momento só aparecera como vantagem, agora é cita-

do em suas desvantagens. Só os homens podem “não menstruar” e “ficar impotente”. Ainda apontaram para uma possível representação da polícia, que vê o jovem de sexo masculino como mais propenso a estar em desacordo com a Lei, o que o levaria a “ficar tomando dura da polícia toda hora” e às representações do masculino como “forte”, “viril” e “galinha”, o que os obrigaria a “ter que malhar todo dia, mesmo quando se está doente, pra ficar forte”, “tomar bomba para ficar forte e na hora H ficar broxa” e “ser galinha”.

Nas entrevistas, os meninos apontaram duas cobranças sociais classificadas respectivamente como opressão e pressão. Opressão foi entendida como a obrigação de fazer “certas coisas” que não quer, ou até quer, mas não consegue. O exemplo citado foi da perda da virgindade. Se “tu é virgem aos 17, nego fala pra caramba”. O aluno, de 17 anos, afirmava que não tinha vergonha de declarar sua virgindade, mas, em seu discurso, aparecia uma cobrança para que ele a perdesse o mais rápido possível. O aluno relatou que só declarava sua virgindade a partir do que classificou como “foda-se sabe qual é!”, uma atitude de rebeldia frente aos colegas que seriam obrigados a aceitá-lo como tal. O teor de sua declaração era problemático para os meninos e também para as meninas e gerava constrangimento entre o que falava e o que escutava; um constrangimento que fazia parecer que “nego não liga”, mas “nego liga sim”. Durante a entrevista, perguntei se todos os que “ligavam” já tinham deixado de ser virgens, e o entrevistado afirmou que não. Que alguns dos “negos” que “ligavam” também eram virgens.

Procurando entender os motivos que levavam meninos virgens a estigmatizarem seus colegas virgens, insisti na pergunta e o aluno afirmou que “nego finge” quando não é virgem. Segundo o entrevistado, aos homens é possível fingir a ausência da virgindade ao construir a identidade masculina, o que faz parte da construção de sua masculinidade. Ser homem é não ser virgem, mas não ser virgem não significa exclusivamente ter praticado algum ato sexual. Pode ser somente a declaração, perante o grupo, de um estado de não virgindade. O “desvio” (BECKER, 1965) masculino está na explicitação de um estado de virgindade, pois é a declaração que ocasiona represálias e não o estado de pureza sexual. O aluno virgem relatou que é possível construir algumas histórias sobre aventuras sexuais e contá-las ao grupo. Nestas histórias a performance do ator e a impressão positiva de sua parceira sempre são destacadas, mesmo que o jovem nunca tenha visto a “cara da gata”. Ver a cara da gata significa dar de frente com uma mulher com as pernas entreabertas à espera de penetração, um momento crucial na passagem ao mundo dos homens e que, por ser estruturante da condição masculina, era percebido como um desafio onde o homem de verdade jamais poderia broxar. A tensão entre ser ou não virgem apareceu em vários momentos do depoimento do aluno. No começo da entrevista, ele declarou que não era virgem por ter praticado sexo oral com sua prima de oito anos, que o estava excitando, e depois, quase no final de nosso encontro, reclamou da pressão que sentia por ser virgem aos 17 anos e “nego falar pra caramba”.

Em um estudo sobre a construção social da identidade masculina, Goldenberg (1991) entrevistou nove homens pertencentes às camadas médias urbanas do Rio de Janeiro, que falaram sobre iniciação sexual, performance sexual e conjugalidade. Em seus depoimentos, a prostituta aparecia como uma figura importante na iniciação sexual. Dos nove entrevistados, cinco transaram pela primeira vez na “zona” e foram levados por um grupo de amigos mais velhos que ansiavam para que eles perdessem a virgindade. Nenhum de meus entrevistados citou a possibilidade de consumação da primeira relação sexual em uma casa de meretrício. Dois “transaram” pela primeira vez com suas namoradas e um com uma vizinha. Outro, que ansiava por sua primeira relação sexual, declarou sua expectativa de conseguir que uma amiga, namorada ou “ficante”⁶ o iniciasse.

Os homens entrevistados por Goldenberg tinham de 30 a 57 anos e todos, mesmo os que não perderam a virgindade com prostitutas, citavam as “putas” e os “puteiros” como locais apropriados para iniciação sexual. O fato de nenhum de meus entrevistados ter se referido a esta possibilidade pode indicar algumas mudanças. Os homens afirmaram que em sua época não havia a possibilidade de obter sexo senão com prostitutas ou empregadas domésticas, e os meninos não citaram nenhuma das duas, preferindo esperar por suas namoradas, amigas ou “ficantes”. Embora divergentes neste ponto, homens e meninos concordam na importância do grupo de amigos para a consolidação da perda da virgindade. Um dos homens, entrevistados por Goldenberg, chegou a

afirmar que freqüentava a “zona” para não ser chamado de bicha, e o aluno virgem destacou a impossibilidade de ser classificado como homem sem ter tido sua primeira relação sexual.

A liberdade sexual feminina também parece causar problemas para elas próprias. Em uma das entrevistas, a professora relatou um problema vivido por uma de suas alunas que pode ser comparado com o do aluno virgem. Enquanto o menino se declarava virgem e sofria as conseqüências de “nego falar pra caramba”, a menina se declarava não-virgem para as amigas e seu pavor se encontrava na possibilidade de ser desmascarada quando fosse ao ginecologista.

A partir do discurso dos entrevistados e deste trecho da entrevista com a professora, é possível pensar que tanto a identidade masculina quanto a feminina vêm sendo construídas a partir de sua relação com a prática sexual. Um dos entrevistados, de 17 anos, apresentava uma tensão entre ser ou não ser virgem. A aluna preocupada com o ginecologista apresentava sua concordância com o grupo de pares, e havia outra aluna, de 15 anos, que era virgem e se revoltava com a pressão que sofria de suas amigas, afirmando constantemente seu direito de escolha. A diferença entre os três casos é que o aluno se revoltava, mas apresentava sua submissão às regras iniciáticas masculinas. As meninas, ao contrário, se revoltavam e lutavam pelo direito de permanecerem virgens, ou driblavam a pressão das amigas dizendo que haviam perdido a virgindade, o mesmo tipo de postura citada pelo menino ao falar de

seus colegas que eram virgens e o “sacaneavam” por ele não ser.

A suposta natureza feminina, que aparece contestada nos estudos fundadores da temática de gênero, tinha por dominador um homem que era forte, seguro, macho, durão. Todas estas características da “natureza” masculina colocavam os homens em posições diametralmente opostas às das mulheres. Eles eram fortes, e elas, fracas; eles seguros, e elas, inseguras; eles machos e germinadores; e elas fêmeas reprodutoras; eles duros, e elas moles, de forma que eles eram os donos do público, e elas as rainhas do privado, do aconchego do lar, onde deveriam estar prontas para receber os homens. Quando os estudos feministas contestaram esta “natureza” feminina, proporcionaram uma mudança que acabou por ocasionar, em seqüência, a contestação da “natureza” masculina. Os meninos de hoje, homens de amanhã, parecem apontar para o esgotamento das representações do homem como o machão durão. Eles anseiam pelo direito de escolher o melhor momento para sua iniciação sexual, sem ter de se aventurar em prostíbulos e pagar pela iniciação. Também não querem dominar as mulheres, pois reconhecem o peso que a posição de dominador acarreta a suas existências individuais. Resta à teoria social a formulação de questões que possam descrever e compreender as possíveis mudanças, assim como captar as permanências nas intrincadas relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira. De acordo com os meninos, parece que não há muitas vantagens em ser um machão durão. Eles querem ser homens sem ter de se preocupar em ser duros.

Ser mulher: vantagens e desvantagens

O individualismo moderno vem sendo, freqüentemente, associado a um problema social contemporâneo: a crise da família. Tradicionalmente as famílias eram pensadas a partir da fórmula clássica proposta por Lévi-Strauss (1980). Elas teriam origem no casamento, seriam constituídas por um marido, sua esposa e seus filhos, e estes membros estariam unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie. Além de compartilharem de um conjunto de proibições sexuais e de uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos como amor, afeto, respeito.

Este modelo de família que Lévi-Strauss propunha como universal parece não mais fazer sentido na sociedade moderna contemporânea, posto que dependia de posições rigidamente delimitadas. O novo modelo de família funda-se em uma complementariedade simétrica de forma que se realiza a compatibilidade entre igualdade e pluralismo, ou entre igualdade e distinção. Trata-se de um laço celebrado entre indivíduos iguais, cimentado pelo amor enquanto valor (SALEM, 1989).

O casamento igualitário parte da premissa de que a união ocorre para que os dois indivíduos possam se complementar. Nesta perspectiva, o casal tem por tarefa a difícil conjugação de uma unidade com dois, e necessita conviver com as tensões e os paradoxos que são inerentes à convivência de dois indivíduos. Este tipo de relacionamento pode ser duradouro ou fugaz, dado a sua principal característica: quando um dos

indivíduos não mais conseguir suprir as necessidades afetivas do outro, não há mais por que manter o casal.

A unidade com dois, em um primeiro momento, exclui a possibilidade da existência de filhos, pois estes dependem única e exclusivamente de seus pais, que precisariam abrir mão de parte de sua individualidade para o cuidado com o rebento. Salem (1989) estuda um fruto do casamento igualitário, trata-se da participação intensa do masculino no decorrer da gestação e, mais tarde, no cuidado com os filhos, o que denominou "casal grávido". A gravidez, tradicionalmente percebida como um fenômeno natural, passa a ser objeto de debate entre os cônjuges e sua aceitação depende da vontade dos dois. Quando ambos desejam um filho, ficam grávidos e procuram dividir todas as responsabilidades inerentes a esta condição. A gravidez deixa de ser somente da mulher e passa a ser do casal.

Nas aulas do "Projeto Aids", quando indagadas sobre as vantagens de ser mulher, as meninas ressaltavam a possibilidade de "gerar uma criança" e "amamentar uma criança", considerando-as o principal diferencial com relação aos meninos. Segundo elas, os meninos podiam fazer praticamente tudo que uma menina fazia, com exceção da gestação e da menstruação. Mesmo que desejassem, eles não poderiam ficar menstruados e ter um bebê.

Nas entrevistas, as vantagens relacionadas à gestação foram o primeiro ponto indicado pelas meninas. Era uma vantagem "poder ter um filho", "poder gerar outra vida" e "ser mãe". Estas vantagens, que de início eram apontadas

como os principais diferenciais com relação ao mundo masculino, eram relativizadas pelas próprias meninas, quando citavam, como vantagens do mundo masculino, não ter de menstruar, engravidar e sentir as dores do parto, o que fica explícito no discurso de quatro entrevistadas.

A vantagem de ser homem é...

- “não ter filhos, não ter que carregar por nove meses um bebê dentro da barriga” e a vantagem de ser mulher “poder ter um filho”;
- “não ficar menstruado” e de ser mulher, “ter filhos”;
- “não ficar menstruado e fazer xixi em pé” e de ser mulher, “ter o corpo mais formado [que o do homem] e poder gerar outra criança”;
- “não ter que menstruar, ficar grávida” e a vantagem de ser mulher era “ser mãe”.

As meninas entrevistadas não eram casadas e não tinham filhos. Seus discursos, em um primeiro momento, valorizavam uma característica tipicamente feminina e vedada aos meninos pela natureza, como um dos principais diferenciais entre elas e eles. A partir da possibilidade de menstruar e ter filhos, diferentemente dos casais grávidos analisados por Salem (1989), elas construíam sua identidade e restringiam o acesso dos meninos a este ponto de sua existência. Ao mesmo tempo, afirmavam que eles saíam na vantagem por não terem de passar pelos incômodos

mensais da menstruação e da possibilidade de engravidar, podendo fazer sexo na hora que desejassem.

O discurso feminino, formulado pelas meninas entrevistadas, parece articular de maneira um tanto conflituosa a conjugação de ideais tradicionais e modernos na construção e apresentação de sua identidade feminina. Quando pensavam em ter filhos, não incluíam seus possíveis parceiros nesta empreitada, considerando a gravidez algo estritamente feminino, uma postura tradicional. Ao mesmo tempo, negavam a gravidez e apresentavam a impossibilidade de engravidar como uma vantagem do mundo masculino, uma postura moderna. Em nenhum momento as meninas pensavam na possibilidade de serem um “casal grávido” e dividirem a gestação com seus parceiros.

A coexistência entre ideais tradicionais e modernos na constituição dos sujeitos foi apontada por Figueira (1987). Segundo este autor, em tempos modernos, as transformações objetivas ocorrem muito rapidamente, enquanto as subjetividades precisam de mais tempo para se acostumarem às mudanças. As meninas entrevistadas articulavam, em suas práticas cotidianas, regras tradicionais e modernas, e as tensões inerentes a este convívio eram explicitadas em seu discurso.

O convívio entre ideais conflitantes parece ser uma das marcas mais significativas da constituição dos sujeitos na sociedade contemporânea. Existem alguns casos em que os indivíduos comportam-se de maneira moderna com vistas à consolidação de objetivos tradicionais. Um exemplo deste fato

encontra-se no trabalho de Rosa (2000). A autora analisa a construção de identidades femininas em um grupo de mulheres com idades entre 22 e 35 anos, da cidade do Rio de Janeiro, que desenvolveram, ou desenvolvem, relacionamentos afetivos sexuais com homens estrangeiros “loiros de olhos azuis”.

Segundo Rosa (2000), estas mulheres passam por um processo de individualização em que a construção de um projeto para o encontro de um parceiro estrangeiro é um modelo de estratégia para mudança de vida e ascensão social. Todas elas possuem curso universitário, falam inglês fluentemente e articulam as representações sobre si mesmas a partir da idéia de projeto, uma postura ligada a interpretações de grupos sociais que articulam sua visão de mundo com base na noção de indivíduo. Um indivíduo responsável por si mesmo que projeta seu destino. Ao mesmo tempo que se definem a partir destes critérios modernos (ou pós-modernos), procuram um relacionamento tradicional com um estrangeiro rico que, na maioria das vezes, as transformará em donas de casa ou trabalhadoras de funções de menor prestígio, de forma que possam trabalhar e ser donas de casa ao mesmo tempo, uma postura bastante tradicional.

Ainda pensando nas vantagens do mundo feminino, as meninas afirmaram que são “mais sensíveis”, “têm o corpo mais formado que o do homem” e “querem ser absolutas”. Quando perguntei o que este adjetivo significava, fui informado de que ser absoluta significava ser superior a todas as mulheres. Ao mesmo tempo que querem

ser absolutas, percebem como vantagens poder ser “mais boba, chorona”, diferentes dos homens que são machões, durões. Segundo as meninas, “mulher chora muito, é muito sentimental, não existe aquela que é durona”, e esta inexistência foi apontada como desvantagem. Poder chorar é uma vantagem e não ser durona uma desvantagem, mais um indicativo da difícil convivência entre ideais divergentes.

Algumas palavras finais

No decorrer deste artigo, procurei demonstrar como um conjunto de representações sociais de gênero se fez presente no desenvolvimento de um projeto de orientação sexual. A partir da exposição dos dados é possível propor que os projetos de orientação sexual não somente discutem, mas criam e (re)criam um conjunto de representações sociais sobre a masculinidade e feminilidade. Cabe destacar que o “Projeto Aids” não estava diretamente orientado por nenhuma política pública, formulada pelos poderes constituídos, mas assumia os encargos previstos na atual proposta curricular nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Por paradoxal que possa parecer, embora a proposta de orientação sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais pudesse ser plenamente contemplada com o “Projeto Aids”, as atividades do ano de 2001 foram a despedida desta iniciativa, o que aponta para a ausência de diálogo entre os poderes institucionalizados e o descompasso entre a formulação e implementação de políticas públicas no Brasil. Quando perguntei à professora sobre o recebimento dos

PCN's em sua escola, sua resposta foi um incisivo "Não! Não recebemos nada". O fato de a professora desenvolver um projeto de orientação sexual sem ter conhecido os PCN's aponta para a difusão de representações sociais que apresentam os adolescentes e jovens em fase escolar como carentes de orientação para o desenvolvimento de sua sexualidade.

As justificativas para esta preocupação política são o aumento da liberdade sexual, proporcionado pelo movimento feminista da década de 1970, e o descobrimento da Aids na década de 1980. A partir destes dois problemas sociais, ergue-se um projeto político que procura difundir novos valores relaciona-

dos ao controle de natalidade e prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e Aids, assim como discutir questões de gênero, consideradas atuais. Deste conjunto de representações, que não se encontra circunscrito ao âmbito da legislação educacional, posto que o "Projeto Aids" não era completamente orientado por nenhuma política pública, surgem novas formas de classificação social de gênero, adolescência e sexualidade. No decorrer da pesquisa de campo, foi possível perceber como estas representações se apresentam no cotidiano de alunos e professores. Neste diálogo, nem sempre isento de conflitos, reafirmam-se visões preconcebidas e criam-se novas concepções sobre a masculinidade e a feminilidade.

Abstract: This work aims to argue the gender representations set activated during the development of a project of sexual orientation in a carioca school. The analysis of the "aids project" contributes for the debate around the new gender relationship in the Brazilian society, indicating changes and permanencies in the classifications of the manliness and femininity. During the development of the project and, later, in the interviews with girls and boys, from 14 to 17 years, was possible to perceive how they classified the manliness and femininity, building and (re)building gender hierarchies.

Keywords: adolescence; sexuality; sexual orientation; gender relationship.

Notas

¹ Este artigo é fruto de minha dissertação de mestrado *Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual*, defendida no PPGSA/IFCS/UFRJ, em 2003, orientada pela Prof^a Dr^a Mirian Goldenberg. O projeto que deu origem à dissertação de mestrado foi financiado, no primeiro ano, por uma bolsa de demanda social da CAPES/MEC e, no segundo ano, pelo projeto “bolsista nota 10” da FAPERJ.

² Os Parâmetros Curriculares Nacionais são um conjunto de diretrizes básicas para o ensino de todas as disciplinas, no ensino fundamental e médio. Publicados pelo Governo Federal, em 1997, os PCN’s trazem, como principal novidade, a inclusão dos temas transversais (ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, temas locais). Estes temas, inclusive a orientação sexual, são propostos como transversais, o que significa que devem ser trabalhados em todas as disciplinas.

³ A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro encontra-se dividida em Coordenadorias Regionais de Educação – CRE. A escola estudada pertencia à segunda CRE que tem sede na Lagoa e abrange 111 escolas, segundo informações fornecidas pela professora, em entrevista realizada dia 01 de outubro de 2001.

⁴ Gostaria de ressaltar que o uso de algumas expressões pouco usuais à linguagem acadêmica, tais como as contidas neste parágrafo, tem por objetivo ressaltar as categorias utilizadas pelos entrevistados

ao expressarem suas vivências. A manutenção de categorias nativas em textos acadêmicos é muito cara à antropologia, desde seus primórdios. Sabemos, a partir de Durkheim e Mauss (1981), que o processo de classificar seres, acontecimentos e fatos da vida em gêneros e espécies faz parte da dinâmica da vida cotidiana e expressa determinados modelos construídos socialmente. As classificações envolvem representações que só podem ser entendidas a partir da análise em seus próprios termos. Assim, não poderia traduzir “garanhão” por “indivíduo que pratica sexo com muita frequência”, por exemplo. Todas as expressões reproduzidas encontram-se entre aspas, para que o leitor possa identificá-las como pertencentes ao vocabulário dos entrevistados.

⁵ Um bom exemplo desta incorporação encontra-se na presença da temática de gênero na proposta de orientação sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Este tipo de legislação é o resultado de mudanças estruturais já ocorridas no sistema educacional brasileiro, que foram incorporadas e formalizadas pela Lei.

⁶ Uma “ficante”, no discurso dos entrevistados, é uma menina com a qual realizam todas as atividades inerentes a um namoro. Podem se abraçar, beijar, fazer sexo, sair juntos. O que diferencia o “ficar” do namorar é a ausência de compromisso. É possível ter várias “ficantes” ao mesmo tempo, pois este relacionamento não envolve fidelidade.

Referências

BECKER, H. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. *Educação & Realidade*, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

DaMATTA, R. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. (Org.). *Homens*. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

DIAS, A. F. *Educação sexual na escola de 1º grau: em busca de uma abordagem*

- interdisciplinar. 1993. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.
- DURKHEIM, É.; MAUSS, M. *Algumas formas primitivas de classificação*: ensaios de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- FIGUEIRA, S. *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- FRY, P.; MacRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GILLIGAN, C. *Uma voz diferente*: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- GOLDBERG, A. *Feminismo e autoritarismo*. 1987. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. A crise do masculino: um tema em debate dentro e fora da academia. *Lugar Primeiro*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-20, 2000a.
- _____. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: _____. (Org). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000b.
- _____. *Ser homem, ser mulher*: dentro e fora do casamento. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- _____.; RAMOS, M. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org). *Nu & vestido*: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. Introdução: ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
- KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In: MERLIÉ, D. (Org.). *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: _____.; GOUGH, K; SPIRO, M. A família: origem e evolução. Porto Alegre: Villa Martha, 1980. p. 7-45.
- NOLASCO, S. Um "homem de verdade". In: CALDAS, D. *Homens*. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.
- OVERING, J. Men control women?: the "catch 22" in the analysis of gender. *International Journal of Moral and Social Studies*, Oxford, v. 1, no. 2, p. 135-156, 1986.
- PARKER, R. G. *Corpos, prazeres e paixões*: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best-Seller, 1991.
- ROSA, R. de M. O imaginário de gênero entre cariocas e estrangeiros. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu & vestido*: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GÊNERO

SALEM, T. O casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 9, n. 3, fev. 1989.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Traduzido por SOS CORPO. Tradução de: Gender: a useful category of historical analysis. 1989. Mimeografado.

TREVISAN, J. S. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, D. *Homens*. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.